

Você tem fome de que? Um estudo sobre as conseqüências da inanição

What do you want to eat? A study about the consequences of inanition

Arthur Silveira Guimarãesⁱ

RESUMO

A fome traz consigo marcas biológicas, contudo, ela não é um fato estritamente fisiológico, mas conseqüência de condições sociais construídas historicamente. Assim, o conceito de fome é posto como uma necessidade visceral de introduzir alimentos no estômago, sendo um instinto indispensável à sobrevivência do organismo. Contudo, essa apreciação não está completa somente com isto, pois ao falar deste fenômeno, é preciso recorrer à idéia fundamental abordada por Josué de Castro, que afirma que a fome é a expressão biológica de males sociológicos. Partimos desta premissa para propormos aqui discutir as conseqüências fisiológicas e sociais causadas pela inanição e, a partir disto, ressaltar a relevância do exercício acadêmico, principalmente da sociologia da saúde acerca deste mal. Para isso, em um primeiro momento, será apresentada uma breve digressão a respeito de conceitos e debates teóricos referentes à fome, envolvendo a área fisiológica constituinte a este fenômeno. Em seguida, caracterizamos a fome do ponto de vista social, mostrando os motivos que a tornam um problema sociológico; à guisa de conclusão, a última parte revisa toda discussão apresentando alguns pontos relevantes ao exercício acadêmico referente às questões ligadas a fome e suas conseqüências.

PALAVRAS-CHAVE: *fome – desnutrição – sociologia*

RESUMEN

El trae consigo marcas biológicas, sin embargo, ella no es un hecho estrictamente fisiológico, pero consecuencias sociales construidas históricamente. Así, el concepto de hambre es puesto como una necesidad visceral de introducir alimentos en el estomago, siendo un instinto indispensable a la sobrevivencia del organismo. Sin embargo, esa apreciación no está completa apenas con eso, pues al hablar de este fenómeno, es necesario recurrir a la idea fundamental abordada por Josué de Castro, que afirma que el hambre es la expresión de males sociológicos. Partimos de esta premissa para proponer la discusión acerca de las consecuencias fisiológicas y sociales causadas por la inanición y, a partir de eso, resaltar la relevancia del ejercicio académico, principalmente de la sociología de la salud acerca de este mal. Para eso, en un primer momento, será presentada una breve digresión a respecto de conceptos y debates teóricos referente al hambre, envolviendo el área fisiológica constituyente a este fenómeno. En seguida, caracterizamos el hambre del punto de vista social, mostrando los motivos que le tornan un problema sociológico; a la guisa de conclusión, la última parte revisa toda la discusión presentando algunos puntos importantes al ejercicio académico referente a las cuestiones acerca del hambre y sus consecuencias.

PALABRAS – LLAVES: *hambre – desnutrición – sociología de la salud*

INTRODUÇÃO

Neste século XXI o fenômeno da fome não ocupa tanto os holofotes da mídia e não gera tantas discussões junto à opinião pública do mundo como meados do século passado (ABROMOVAY, 2008). Apesar disto, continua ainda representando um preocupante problema a ser resolvido pela humanidade.

Segundo a Organização ActionAidⁱⁱⁱ (2008), o Brasil, por exemplo, ocupa a 9ª posição de país com maior número de pessoas com fome no mundo, com mais de 14 milhões de pessoas consumindo alimentos em qualidade e quantidade insuficientes; com cerca de 37 milhões de pessoas que vivem com menos de dois dólares por dia; onde 45% das crianças com menos de cinco anos sofrem de anemia crônica por falta de ferro na alimentação; e 50 mil crianças nascem todos os anos com algum tipo de comprometimento mental devido à falta de iodo na alimentação.

Este trabalho se justifica tendo em vista o grande significado que o fenômeno da fome tem no Brasil. Propomos aqui demonstrar as conseqüências deste fenômeno focalizando que a fome é uma “construção social” e a desnutrição, uma conseqüência fisiológica. A desnutrição seria a condição necessária da fome, mas não sua condição suficiente, porque, na fome, entrariam em cena fatores sócio-históricos.

Nessa conformação, o trabalho divide-se em três partes. Na primeira, será apresentada uma breve digressão a respeito de conceitos e debates teóricos referentes à fome, envolvendo a área fisiológica constituinte a este fenômeno. Em seguida, caracterizamos a fome do ponto de vista social, mostrando os motivos que a tornam um problema sociológico; a guisa de conclusão a última parte revisa toda discussão apresentando alguns pontos relevantes ao exercício acadêmico referente a questões ligadas a fome e suas conseqüências.

FOME: UMA ABORDAGEM FISIOLÓGICA DESTE FENÔMENO E SUAS CONSEQÜÊNCIAS SOBRE O CORPO

Na esfera nutricional, fome representa uma incessante necessidade do corpo, que pela não ingestão de alimentos desencadeia a sensação de estômago vazio (ANGELIS, 1999). Esta é uma situação resultante de um longo período em que o organismo humano passa sem a alimentação que lhe propicie energia – calorias – e a carga de nutrientes necessários a sua sustentação e saúde.

Do ponto de vista biológico, duas questões importantes devem ser levadas em conta para saciar a necessidade do corpo, pondo fim a sensação de estômago vazio: a quantidade e a qualidade.

Em relação à primeira questão, a quantidade, a equação é simples: a quantidade mínima de calorias consumida deve ser equivalente a energia gasta pelo organismo nos trabalhos realizados diariamente.

A fome é, portanto, em primeiro lugar, um fenômeno quantitativo, que pode ser definido como a incapacidade de a alimentação diária fornecer um total calórico correspondente ao gasto energético realizado pelo organismo (ABRAMOVAY, 1998, pp, 13-14).

Esta modalidade de fome é definida como global, energética ou calórica.

Contudo, o bom funcionamento do organismo humano vai além da quantidade de energia ingerida para a realização das funções orgânicas. Além das calorias a alimentação deve fornecer determinados elementos nutritivos, como afirma a fisiologista Rebeca Carlota de Angelis,

Os alimentos que são consumidos pelos animais contêm seis classes de nutrientes: carboidratos, gorduras, proteínas, vitaminas, minerais e água. Eles devem ser fonte de energia e dos nutrientes que o corpo necessita, mas que não consegue sintetizar por si mesmo em quantidades suficientes para as necessidades fisiológicas (ANGELIS, 1999, p.28).

A regular falta destes elementos à alimentação, afeta o desempenho do organismo favorecendo distúrbios e lesões, representando sérias conseqüências à saúde do corpo. Este tipo de fome é mais discreta que a calórica. Especialistas a nomeiam de parcial ou específica, decorrente da ausência ou má distribuição dos elementos nutritivos vitais ao regular funcionamento do organismo.

A definição de fome parcial ou específica é importante porque não só por insuficiência de comida se tem fome, mas também por monotonia ou desequilíbrio alimentar (ABRAMOVAY, 1998, p, 15).

Desta forma, o organismo necessita muito mais do que a equivalência energia gasta pelo corpo/calorias ingeridas pelo mesmo. Pois, caso seja falha a distribuição das cargas nutricionais vitais ao organismo, este poderá sentir-se alimentado, porém poderá encontrar-se exposto a doenças provocadas por este desequilíbrio, Josué de Castro chama de oculta este tipo de fome,

É este um dos capítulos mais trágicos da patogenia alimentar: o dos estados de fome oculta, mal caracterizados, mas que na verdade conduzem o organismo a um estado de incapacidade relativa, de baixa produtividade e de fraca resistência a todo um cortejo de outras doenças que se vêm enxertar sobre o organismo depauperado (CASTRO, 1960, p, 19).

Todavia, alcançar este equilíbrio não é tão simples. Alguns fatores devem ser levados em conta neste processo, por exemplo, deve-se levar em consideração que nem tudo que o organismo ingere é digerido e absorvido para a circulação e produção de energia, assim, as recomendações para consumos de alimentos devem superar o que realmente representa as necessidades fisiológicas (ANGELIS, 1999). Outros fatores como níveis extenuantes de atividades físicas e variações climáticas também modificam os requisitos nutricionais.

A recomendação dos nutricionistas, neste caso, é que, para que as necessidades fisiológicas sejam atendidas, o organismo deve consumir de cada nutriente o essencial para o funcionamento saudável do corpo, isto é, doses adequadas e seguras que, em outras palavras significa, nem tão acima do nível normal, nem tão inferior a este nível.

Isto significa que o consumo de alimentos deve conter as necessidades fisiológicas e mais, para a parte que não será aproveitada dos nutrientes. Todavia, se o consumo for exagerado, não é seguro – este excesso poderá até ser tóxico ou favorável a desencadear uma obesidade [...], portanto, as necessidades fisiológicas de nutrientes são inferiores as recomendações (ANGELIS, 1999, p.28).

Estas sugestões nutricionais, como exposto, consideram vários fatores. O principal deles são os hábitos alimentares. Por isto que a cada país ou região são elaboradas determinações distintas, levando em conta a singularidade característica de cada localidade.

Apresentada as nuances conceituais do fenômeno da fome sob a luz da nutrição, quais seriam então as conseqüências dessas diversas expressões da fome sobre o organismo humano? A partir deste item exporemos doravante suas conseqüências sobre o organismo humano.

As conseqüências da fome

A falta de alimentos pode interferir diretamente no equilíbrio do corpo humano, contribuindo, provocando ou acelerando o desenvolvimento de enfermidades. Em crianças em fase de desenvolvimento é prejudicial uma má alimentação podendo ser decisiva para sua sobrevivência (STACCIARINI, 2008).

Segundo Josué de Castro, estas falhas na alimentação, que geram síndromes nutricionais primárias, são as doenças de carências,

Estes estados de carências se podem manifestar sejam em suas formas típicas, bem caracterizadas, como síndromes clínicas, tais como pelagra, beribéri, escorbuto, anemia, xerofthalmia etc.; sejam em formas larvadas e discretas, quase que só diagnosticáveis através dos métodos de laboratórios e medicina experimental (CASTRO, 1960, P.18).

Felizmente, a tecnologia da nutrição já diagnosticou as carências mais específicas o que torna cada vez mais incomum o seu aparecimento, sendo restrito apenas a grupos de extrema insegurança alimentar. O beribéri, o escorbuto e a pelagra são hoje, raramente encontrados em todo território do planeta.

Em contrapartida, aumenta outro tipo de fome, mais discreto, contudo não menos violento e degradante. Multiplica-se a incidência de estados de carências parciais, resultado de um conturbado desequilíbrio alimentar, que acarreta numa multiplicidade de deficiências específicas ao organismo, afetado por este desajuste (CASTRO, 1957), que são os estados de fome oculta (discutido em seção anterior).

Segundo o professor Jose Henrique Stacciarini (2008), de acordo com as causas que provocam a desnutrição, os problemas recorrentes de uma subalimentação podem ser classificados em três grupos principais: a calórica protéica; a desnutrição por deficiência vitamínica; e a causada por deficiência de minerais.

Não é comum encontrar certidões de óbitos especificando a fome como causa da morte. A desnutrição mata, mas por provocar enfraquecimento do indivíduo, expondo o organismo vulnerável a doenças fatais que um corpo bem nutrido não padeceria facilmente. Doenças como pneumonia, sarampo, tuberculose, etc., são males que a fome facilita a ação sobre o organismo.

Os efeitos mais comuns causadas pela fome é a desnutrição calórica – protéica, que atinge principalmente crianças de países pobres. Ocorre em diversos graus, sendo o mais extremo denominado por médicos e nutricionistas como desnutrição em 3º grau (ABRAMOVAY, 1998). Este tipo de insuficiência alimentar exige imediata hospitalização da vítima e implicações muito danosas

A desnutrição por má nutrição protéico energético é o maior flagelo nutricional do mundo [...] nesta situação, não há condições de crescimento e desenvolvimento normal das crianças, acaba se estabelecendo um déficit de peso em relação à altura [...] isto é gerado por insuficiência global de alimentos, e, portanto, muitas outras deficiências também estarão envolvidas [...] apesar do definhamento que vai ocorrendo, até certo limite, o organismo consegue manter as funções básicas. Obviamente, chegará até a morte se a situação se prolongar (ANGELIS, 1999, p. 47).

As formas mais comuns deste tipo de desnutrição grave são: as doenças kwashiorkor e o marasmo, que são recorrentes em crianças em gravíssima situação de insegurança alimentar, levando à morte todo ano milhões de vítimas sem defesa imunológica.

O kwashiorkor significa “criança desmamada” e ocorre numa criança que é precocemente impedida de se alimentar do leite materno, devido ao aparecimento de um novo membro em seu clã naquele período de amamentação. Sem a alimentação provinda da mãe e sem acesso a alimentação necessária ao seu desenvolvimento, fruto da impossibilidade econômica de seus pais de oferecer comida, a primeira criança sofre elevado déficit protéico.

Os principais sintomas desta doença são: inchaço do ventre, lesões de pele, retardamento mental, lesões no fígado, descoloração dos cabelos, tristeza e apatia. As crianças que sofrem deste mal podem chegar, em alguns casos, aos três anos de idade sem andar (STACCIARINI, 2008). Geralmente, as crianças que padecem de kwashiorkor vão a óbito em decorrência de doenças oportunistas como coqueluche, rubéola e sarampo.

Outro exemplo de extrema desnutrição calórico-protéica é o marasmo. Neste caso, o corpo das crianças recém nascidas sofre desgaste geral e extrema magreza (ANGELIS, 1999). A criança chega a perder mais da metade do peso normal, em relação à outra em situação habitual.

Estas são formas mais extremas deste tipo de desnutrição e apenas representa o cume do problema, contudo não atinge a todos os famintos do mundo; milhões de crianças em todo o planeta sofrem desnutridos, mas não chegam ao extremo do marasmo e do kwashiorkor. Nestas outras crianças, a fome atormenta de forma lenta e paciente, nem por isso menos sofrível e prejudicial (ABRAMOVAY, 1998), deteriorando o organismo e propiciando o estabelecimento de doenças distintas.

A deficiência vitamínica também é fator bastante importante no que se refere à carência nutricional sendo causadora de inúmeras doenças que se sucedem de acordo com o tipo de vitamina deficitária no organismo.

Sendo assim, a “fome de vitaminas” representa uma das mais recorrentes fomes específicas. É ressaltada por Josué de Castro como “o mais variado, o mais rico em matizes de todos os grupos de fomes específicas” (CASTRO, 1957, p. 115).

A este tipo de fome específica podemos atribuir o desenvolvimento de doenças como: xerofthalmia, beribéri, pelagra, escorbuto, raquitismos e outros tipos de mal estares, resultantes desta modalidade de fome, a oculta.

Não é intenção de este trabalho fazer uma análise aprofundada destas deficiências no organismo, isto é competência dos especialistas das áreas da nutrição e fisiologia. Porém, para melhor compreender os efeitos da fome sobre as pessoas, serão apresentadas as principais características e sintomas destas carências vitamínicas:

- A FOME DE VITAMINA A: Causa perturbações oculares e visuais, a ausência deste tipo de vitamina determina a diminuição e até mesmo pára o crescimento dos jovens. A principal doença ocasionada pela deficiência desta vitamina no organismo é a xerofthalmia, conhecida por “doença das trevas”, caracteriza-se pela perda total da visão (STACCIARINI, 2008).
- A FOME DE VITAMINA B₁: Causa principalmente o Beribéri, esta doença causa paralisia muscular além de incomodas perturbações nervosas ou circulatórias. Geralmente ocorre em momentos de surtos de fome. Outra enfermidade recorrente pela falta de vitamina b₁ é a pelagra, conhecida originalmente por “mal de La rosa”, apresenta como sintomas o aparecimento de manchas vermelhas no corpo, além de intoxicação do sistema digestivo, nervoso e epidérmico.
- A FOME DE VITAMINA C: Causa o escorbuto, a principal característica desse mal são as freqüentes hemorragias e ulcerações na região da boca, principalmente nas gengivas, gerando mau hálito e dores.

- *A FOME DE VITAMINA D: Causa raquitismo e osteomalacia. A primeira é bastante recorrente em crianças, sendo marcada pelo entortamento dos ossos longos, deformação da cabeça - tornado-se muito grande em relação ao resto do corpo – anemia e cansaço muscular. Já a osteomalacia é uma forma de raquitismo que incide em adultos, aqui ocorre o amolecimento dos ossos, que se encurvam causando horríveis dores no corpo. (CASTRO, 1957).*

Além das deficiências vitamínicas, o corpo sofre com as carências de minerais. A ausência destes elementos na dieta acarreta algumas doenças como a anemia e o bócio. Segundo Angelis (1999), a anemia é uma das principais doenças ocasionadas pela fome, sendo a sua principal causadora a ausência do ferro.

Esta deficiência é conhecida por anemia ferropriva e representa falta de ferro no organismo. Atinge principalmente crianças, gestantes e lactantes. O ferro é importante para o organismo por ser um dos principais elementos constitutivos da hemoglobina, “a anemia ferropriva é uma das causas de redução de energia e de pouca disposição para o trabalho, ou da falta de atenção dos escolares anêmicos” (ANGELIS, 1999, p. 208).

O cálcio é outro elemento mineral essencial ao organismo, composto mais abundante no organismo humano, que estrutura, inclusive, o esqueleto. Sua ausência no organismo predispõe o corpo ao raquitismo, osteomalacia, crescimento retardado e as cáries dentárias.

A fome de iodo causa o bócio endêmico ou a endemia bócio- cretínica. Ocorre em regiões de solos e água pobres desse metal. Sobre o bócio, Josué de Castro diz: “mal terrível que deforma o corpo e atrofia o espírito. o bócio constitui terrível praga carêncial, que conduz à degeneração do individuo” (CASTRO, 1957, p.112). O nanismo, a surdo mudez e o tireoidismo são sintomas dessa carência no organismo.

Não só estas doenças são provocadas pelo desajuste alimentar. Muitos dos problemas apresentados pelo organismo podem ser evitados com uma boa alimentação. O sistema imunológico pode ser seriamente afetado caso não haja uma nutrição adequada que garanta todas as funções deste sistema e uma simples diarreia pode se tornar fatal a um organismo mal nutrido.

Para Josué de Castro (1957), existe ainda um segundo grupo de doenças em que a falta de alimentação regular e qualitativamente apropriada prepara ou predispõe o campo para instauração destas patologias no organismo. São as chamadas doenças de massa não raras em populações em situação de vulnerabilidade econômica e social: a tuberculose, a pneumonia, a lepra, tracoma, as verminoses e parasitoses gastrointestinais são exemplos destas doenças que precisam de um organismo fraco e desgastado para instalar-se.

Embora todas estas doenças possuam um agente patogênico específico as suas manifestações mórbidas, a sua propagação e sua evolução dependem enormemente do estado de resistência orgânica dos grupos humanos, Isto é, do seu estado de nutrição (CASTRO, 1960, p.21).

Além disto, a resistência ou maior incidência destes estados de carência alimentar são influenciadas, além do acesso à própria comida, por fatores climáticos, por regimes de trabalho, por agentes vivos do meio biótico e às próprias condições psíquicas dos grupos submetidos a diferentes impactos sociais, construídos em meio a desiguais condições econômicas e sociais. Todos estes fatores podem determinar uma grande variabilidade na resistência maior ou menor desses grupos humanos a deficiência específica da alimentação. (CASTRO, 1960).

Muito importante a se frisar, antes da conclusão deste ponto, é que a desnutrição não é fator determinante da inteligência dos indivíduos que padecem deste fenômeno. Instaurou-se o mito de que os povos pobres são burros e preguiçosos, por fatores de má alimentação. Entretanto, a intelectualidade depende, além de fatores orgânicos, também de determinantes psicológicos e pedagógicos.

Segundo Ricardo Abramovay, as pesquisas sobre o efeito da má alimentação sobre a intelectualidade articulam que

A boa alimentação e um ambiente de estímulo e afeto podem devolver ao indivíduo aquilo que a fome e o desespero lhe haviam retirado: sua capacidade de pensar e intervir no mundo em que vive (ABRAMOVAY, 1998, pp.25-26).

Assim é a fome, um mal que, de várias formas e intensidades, apresenta uma dinâmica prejudicial ao homem, rebaixando as mais inferiores condições de saúde aqueles que padecem da insuficiência de comida, marcando desde sempre sua existência e trazendo consigo conseqüências às vezes irreversíveis. Dizia Josué de Castro que

Sejam em forma isoladas, sejam associadas as fomes específicas, atuam poderosamente sobre os grupos humanos, marcando o corpo e alma dos indivíduos. A verdade é que nenhum fator do meio ambiente atua sobre o homem de maneira tão despótica, tão marcante, como o fator alimentação (CASTRO, 1957, p. 137).

O OUTRO LADO DA FOME: UMA ABORDAGEM DAS CAUSAS SOCIAIS DESTES FENOMENOS

A fome traz consigo marcas biológicas, contudo, ela não é um fato estritamente fisiológico, mas conseqüência de condições sociais construídas historicamente. Segundo Maria do Carmo Soares de Freitas (2003), a fome é uma manifestação que surge com a formação das sociedades de classes, estando atrelada à desigualdade no âmbito social.

No que diz respeito estritamente à esfera social, a fome apresenta outros conceitos além dos fisiológicos. Nesta perspectiva este fenômeno apresenta duas características: a fome epidêmica e a fome endêmica.

A fome epidêmica é um fenômeno gravíssimo, porém de curta duração e universal. Ocorre em períodos de guerra, secas e enchentes, por exemplo. Advém quando um fator pontual desorganiza a sociedade atingida causando na população local, vítima desses elementos, o flagelo da fome (CASTRO, 1980). A fome epidêmica ocorre em uma determinada área geográfica em que pelo menos metade da população apresenta nítidas manifestações nutricionais transitórias (VASCONCELOS, 2008).

Segundo Paul Singer (1987), quando ocorre este tipo de fome a comoção é grande e chega carregado de forte apelo emocional, havendo certa preocupação da população em resolver esta questão, além da ação imediata do Estado, pressionado pela opinião pública. Evidentemente, esta característica de resolução mais direta não retira de si sua seriedade. Além disso, apesar de grave a fome epidêmica pode ser evitada a partir de boa vontade política e planejamento.

Menos visível é a fome endêmica, porém, não menos grave e nociva. Representa uma subnutrição permanente e silenciosa que não causa furor na sociedade, pois não traz consigo a comoção e as ações emergências que a fome epidêmica acarreta. Ocorre em uma determinada área geográfica em que pelo menos metade da população apresenta nítidas

manifestações de carências nutricionais permanentes (VASCONCELOS, 2008). Este tipo de fome correlaciona-se com a ausência de recursos econômicos que permita acesso à comida.

Assim, o conceito de fome é posto como uma necessidade visceral de introduzir alimentos no estomago, sendo um instinto indispensável à sobrevivência do organismo. Contudo, essa apreciação não está completa somente com isto, pois ao falar deste fenômeno é preciso recorrer à idéia fundamental abordada por Josué de Castro, que afirma que a fome é a expressão biológica de males sociológicos (CASTRO, 1984). Situada entre a vida e a morte, é uma doença física, biológica, social e histórica (MINAYO, 1987). Desta feita, qual seriam então os verdadeiros fatores fundadores da fome?

Sua etimologia vincula o fenômeno às desigualdades,

derivada de fame, do latim, e essa de famulus – escravos ou servos – também do latim, na língua portuguesa vão gerar vocábulos como fãmulu, famulentos, famélicos, ou que tem fome” (FREITAS, 2003, p. 13).

Portanto, desde sua origem a fome esta ligada à pobreza e à dependência. No entanto, nem sempre a fome foi avaliada sob a perspectiva da desigualdade. Até a primeira metade do século XX não se dava importância a este fenômeno escabroso. Além disso, até então a falha no acesso à comida estava direcionada a explicações naturalistas, onde a incapacidade do homem em se alimentar era vinculada aos limites naturais, imposto pelo meio ambiente, desvincilhando a fome dos aspectos sociais. Como afirma Maria do Carmo de Freitas,

Essa idéia assinalou uma profunda necessidade de idealizar a existência humana subordinada à natureza, o que, em essência, afirmava a condição animal do homem, sem dar grande importância à sua reprodução diferenciada – diferenciação adquirida pela intencionalidade histórica na práxis social dos homens – e contratante com a dos outros animais. (FREITAS, 2003, p. 29).

Durante o século XVIII, esta idéia naturalista foi muito aclamada principalmente pelo aporte teórico dado pelo economista e demógrafo inglês Thomas Robert Malthus. Em meio à primeira revolução industrial, Malthus, preocupado com o crescimento populacional à época vigente, cria a teoria na qual afirmava que o crescimento da população tende sempre a superar a produção de alimentos, sendo necessário para que não haja catástrofes famélicas, o maior controle da natalidade.

Para ele, a população crescia em progressão geométrica, enquanto a produção de alimentos sobrevinha em progressão aritmética (MALTHUS, 1983). Propunha que se deveria então controlar o comportamento social e sexual das populações pobres, já que, quanto mais nascimentos advinham, menos espaços e comida haveria para todos, resultando num mundo superlotado e recheado de “esfomeados”.

A teoria malthusiana gera um enorme debate sobre as condições de pobreza e fome que vivia as populações menos abastadas da época. Acusava os pobres pela sua pobreza, asseverando que seu comportamento social e sexual era o real motivo de seu faminto tormento.

A concepção que cercava o modo natural de os pobres viverem e morrerem encontraria como justificativa sua própria irresponsabilidade pela excessiva reprodução biológica (FREITAS, 2003, p. 32).

Por muito tempo essa teoria alarmista proposta por Malthus figurou como principal causa da fome no mundo. Sob esta perspectiva, seriam então a miséria e a fome umas sinas que todas as populações pobres estariam condenadas, já que a natureza não daria suporte às populações vindouras.

Todavia, apesar de atualmente ainda existirem grupos neomalthusianos, hoje já está mais do que comprovado a ineficácia e insuficiência científica desta análise proferida por Thomas Malthus, sendo esta até incoerente como afirma Ricardo Abramovay,

Embora o tamanho da população e a quantidade de alimentos produzidos sejam fatores importantes quando estudamos o problema da fome, por si só eles são insuficientes para explicá-lo. Caso houvesse uma relação direta entre estes dois fatores, a fome já teria sido banida do planeta há muito tempo: de fato se dividíssemos o total da produção mundial pelo total da população, o resultado será um mundo sem fome (ABRAMOVAY, 1998, p. 53).

Outro erro de Malthus consiste que ele considerava o crescimento populacional independente de fatores políticos e econômicos (CASTRO, 1957). Algo que seria leviano tomar como verdade, quando os ciclos demográficos variam de acordo com conjunturas regionais. Onde a economia e a política são fatores dos mais determinantes no compasso do crescimento demográfico “cedo a ciência demonstrou que existem tendências ou ciclos demográficos históricos que variam de ritmo e mesmo de direção, de acordo com os tipos de organização social” (CASTRO, 1960, p. 27).

A teoria Malthusiana tratava de uma especulação teórica para favorecer os interesses da elite rural sedenta por maior concentração de renda, precisava de uma confirmação “empírica” para legitimar seus reais interesses. Era uma idéia apoiada na impossibilidade de ser pensar uma sociedade com equidade social justificada pela produtividade de alimentos frente ao acelerado aumento da população (FREITAS, 2003).

A insuficiência empírica de Thomas Malthus continua a ser desvendada quando se discute a produção de alimentos como algo findável a partir da saturação das terras cultiváveis e pelo excesso de homens no planeta. Mas uma vez seu alarmismo demonstra interesses velados – no caso aumento da produtividade agrícola despreocupada e irresponsável à qualidade de vida daqueles que nela trabalham e daqueles que nada tem para comer – retirando da classe dominante qualquer tipo de culpa pelo fato de haver tanta miséria imersa numa sempre constante fartura.

Vivemos atualmente num mundo com 6,7 bilhões de habitantes, no qual se estima que em 2050 haja uma estabilização em 9,2 bilhões de habitantes (ABRAMOVAY, 2008). Pesquisas realizadas na metade do século passado, apresentadas no 17º Congresso Internacional de Geografia, evidenciaram que a capacidade mundial de produção de alimentos – viabilizados pelas técnicas no campo da agronomia da época, ou seja, há 60 anos – com o que havia na natureza teria condições de atender às necessidades alimentares de 13, 5 bilhões de habitantes no planeta! (CASTRO, 1960).

Hoje temos, seis décadas após o apontamento de tais dados, um contingente populacional 50 % menor do que a estimativa máxima que geógrafos e agrônomos da década de 1950 apontavam como possibilidade de atendimento da demanda alimentar e, mesmo assim, o mundo apresenta dados estridentes de um bilhão de pessoas a mercê deste lastimável fenômeno.

O discurso de que a fome é conseqüência das limitações agrícolas, aliada ao aumento populacional, não é aceitável, uma vez que está evidenciada sua insuficiência para dar conta desta questão e, ainda mais, é uma assertiva sem bases científicas que se presta tão somente a uma justificativa ideológica e política do grave fenômeno da fome.

A fome não é produto da superpopulação: a fome já existia em massa antes do fenômeno da explosão demográfica do pós-guerra. Apenas esta fome que dizimava as populações do terceiro mundo era escamoteada, era abafada, era escondida [...] não só a fome existia antes, mas também existe hoje em regiões, que estão longe de

ser super povoadas. Muitas áreas de fome no mundo são áreas de baixa densidade de população, como acontece na África e na América Latina, continentes sub-povoados, com uma média de nove habitantes por quilômetro quadrado de superfície (CASTRO, 1984, p.32).

Com isso, retira-se então a culpa total da natureza, acusada de “mesquinhez” pelos malthusianos. Ela provê ao homem, este que dela se apropria e que não a utiliza de maneira justa. Mas então se a teoria de Thomas Malthus é comprovadamente falível quais então seriam as verdadeiras causas fundadoras do fenômeno da fome?

As verdadeiras causas da inanição

A falsa justificativa do crescimento demográfico acoberta as reais causas do fenômeno da fome. Já está provado que a subnutrição não é fundamentalmente representação de determinantes naturais, mas produto de estruturas econômicas desajustadas e capengas, obra de um processo histórico degradante de exploração colonial.

A explicação está no fato das colônias terem sido criadas com um único propósito: beneficiar as metrópoles, através da exploração e exportação dos produtos que eram de seus interesses. Utilizavam estes artigos para o comércio, para o supérfluo, não sendo interessante para a metrópole outra atividade senão as que alcançavam esse objetivo, dizia Caio Prado Junior sobre essas atividades que as metrópoles admitiam no máximo como exceção, “a produção de certos gêneros estritamente necessários à subsistência da população e que seria impraticável trazer de fora” (PRADO JUNIOR, 2000, p. 124).

As metrópoles alteraram a organização social dos povos nativos impondo suas terras a uma exploração à exaustão. Nas colônias foram criadas grandes propriedades trabalhadas com um único tipo de agricultura – a monocultura – destinada à produção para exportação. Este processo desajustou a produção de subsistência das colônias levando a problemas de falta de gêneros alimentícios agravando a crise nutricional dos nativos.

A má utilização dos fatores naturais e humanos levou estes países, submetidos à exploração colonial, ao subdesenvolvimento presente. Sendo isto um dos fatores mais fundamentais para a explicação da geografia atual da fome no mundo. Este tipo de organização colonial foi o pior legado que as metrópoles poderiam deixar às gerações que a sucederam.

A subordinação da produção a poucos gêneros alimentícios e a má utilização dos ricos recursos das colônias, sempre voltados para fora, estancaram o desenvolvimento destes povos, condenando-os até hoje à posição de coadjuvantes no cenário mundial.

Foi por culpa da exploração econômica do tipo colonial, que longe de estimular, sempre impediu por todos os meios o verdadeiro desenvolvimento econômico autônomo, fechando todas as portas do progresso às grandes massas estagnadas em sua economia de depressão. (CASTRO, 1984, p.36).

Hoje o processo é semelhante. A atual ordem mundial reestruturada pelo neocolonialismo econômico não libertou estes países historicamente vítimas da exploração de suas riquezas naturais e de seu povo, condenando-os ainda ao papel secundário das relações econômicas internacionais.

Os países “periféricos” apresentam em sua estrutura econômica dependência tão grande em relação às poderosas nações do “primeiro mundo”, que grande parte de sua produção está voltada para fora do país, visando atender as necessidades externas em detrimento do mercado interno. Ocasionalmente falta de alimentos para abastecimento local e inflação dos preços dos produtos alimentícios.

O professor Jaques Chonchol confirma esta análise ao afirmar que,

Se observarmos na maioria dos países, os créditos, os melhores preços, tudo é orientado para a agricultura de exportação, porque o interesse é obter divisas para pagar os empréstimos aos bancos internacionais. A agricultura alimentar fica marginalizada de tal forma que na América latina acontece o curioso fenômeno de exportar alimentos para os ricos e importar alimentos para os pobres [...] fato que agrava a dependência alimentar, pois os produtos não são obtidos gratuitamente (CHONCHOL, 1987, p.66).

Esta afirmativa de uma vez por todas desmistifica a idéia neomalthusiana da fome como fenômeno estritamente natural. Mas sendo um produto artificial criado não por forças naturais e sim por ações humanas.

Não há como esconder que este fenômeno, nas suas diferentes formas de fome: qualitativa ou quantitativa é sempre produto direto do subdesenvolvimento e que este não é um fatalismo provocado pela força das coisas, mas um acidente histórico provocado pela força das circunstâncias (CASTRO, 1984, p.36).

Este fenômeno que mata diariamente milhares de pessoas pobres mundo a fora não pode mais ser analisado sem se levar em conta sua fundação no campo social e histórico. A fome é resultado de um processo de progresso econômico e tecnológico que ocorre de forma injusta e desigual, no qual a maior parte da humanidade não participa, ficando à margem deste processo de produção que enriqueceu e enriquece poucos e eleva ao extremo uma população aviltada e sem esperança.

Em meio a este estado de opulência dos povos ricos em detrimento da miséria dos paupérrimos homens famintos do chamado mundo subdesenvolvido, criou-se uma realidade que segundo Josué de Castro,

Dividiu o mundo em dois grupos de seres humanos: o grupo dos que não comem e o grupo dos que não dormem. O grupo dos que não comem habita os países pobres e se julga esmagado em sua miséria pela opressão econômica das grandes potências industrializadas. O grupo dos que não dormem habita as áreas mais ricas do mundo, mas não dormem pelo pavor que lhes infunde a revolta dos que não comem (CASTRO, 1960, p. 23).

Desta forma, são os fatores históricos, políticos, sociais e econômicos as reais causas deste fenômeno estar presente em nossa sociedade afetando profundamente os indivíduos. Porém, apesar de desvendada esta questão não pára por aqui os debates sobre a fome em suas causas e efeitos. As discussões devem continuar sempre enfatizando a relação entre sociedade civil e Estado na luta contra este fenômeno tão cruel e silencioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, à guisa de conclusão, inferimos algumas considerações que são importantes:

Primeiro que a fome pode ser abordada sob dois pontos de vistas: um de cunho fisiológico sendo resultado da falta de elementos nutricionais que sacie a necessidade do corpo; e o outro que este fenômeno é resultado de determinantes sociais, cabendo às ações políticas dos homens o encargo da existência da inanição. Neste sentido, está na mudança das atitudes políticas a saída para erradicação deste fenômeno social que atinge milhões de pessoas mundo a fora.

Entendemos que a discussão sobre a fome não pode se perder de vista nos meios acadêmicos. A sociologia, por exemplo, não pode negligenciar este fenômeno tão marcante a sociedade. A idéia deste trabalho é justamente balizar que o debate sobre a fome passa pela academia e que este empreendimento deve sempre ocorrer guiada pela celebre expressão de Josué de Castro que dizia que a fome é a expressão do corpo conseqüência de males sociais, históricos e econômicos. Neste sentido, entendo que por se tratar de um tema de relevância multidisciplinar a sociologia da saúde deve voltar-se também as questões relacionadas à fome.

ii A ActionAid é uma organização sem fim lucrativo internacional que há 35 anos trabalha com comunidades excluídas ao redor do mundo. Ao todo, **14 milhões** de pessoas são beneficiadas em **47 países** pobres da África, Ásia e Américas. No Brasil, está presente em **11 estados**, e conta com **17 organizações-parceiras** em projetos locais, beneficiando **200 mil pessoas** em quase **600 comunidades**. Disponível em <<http://www.actionaid.org.br/>>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. *O que é fome. São Paulo : Brasiliense, 1998.*

_____. *Integrar sociedade e natureza na luta contra a fome no século XXI. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 24, n. 11, nov. 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2008001100026&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 jan. 2010.*

ANGELIS, Rebeca Carlota de. *Fome oculta: impacto para a população do Brasil. São Paulo: Atheneu, 1999.*

CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população do mundo. São Paulo: Brasiliense, 1957. 4.ed.rev. e aumentada.*

_____. *Fome, um tema proibido: últimos escritos de Josué Castro./ Anna Maria de Castro; org.- Petrópolis: Vozes, 1983.*

_____. *Geografia da fome (o dilema brasileiro: pão ou aço). 10ª Ed. Rio de Janeiro: Antares Achiamé; 1980*

_____. *O livro negro da fome. São Paulo : Brasiliense, 1960.*

CHONCHOL, Jaques. *A crise e a situação alimentar na America Latina. IN:Raízes da fome / Maria Cecília de Souza Minayo (org.)- 3.ed.Petrópolis: Vozes, 1987.*

FREITAS, Maria do Carmo Soares de. *Agonia da fome. Salvador: EDUFBA; FIOCRUZ, 2003.*

MALTHUS, Thomas Robert. *Princípios de economia política: e considerações sobre sua aplicação prática; ensaio sobre a população / Thomas Robert Malthus; tradução: Regis de Castro Andrade.- São Paulo: Abril Cultural, 1983.*

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Introdução. IN: Raízes da fome / Maria Cecília de Souza Minayo (org.)- 3.ed.Petrópolis: Vozes, 1987.*

PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo. São Paulo: Brasiliense; publifolha, 2000. – (Grandes nomes do pensamento brasileiro).*

SINGER, Paul. *Os efeitos da crise econômica sobre o estado de nutrição dos brasileiros. IN: Raízes da fome / Maria Cecília de Souza Minayo (org.)- 3.ed.Petrópolis: Vozes, 1987.*

STACCIARINI, J. *A fome e a globalização X a globalização da fome. Causas e conseqüências da fome no limiar do terceiro milênio.* **Boletim Goiano de Geografia**, America do norte, 1615 07, 2008.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. *Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula.* **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 18, n. 4, ago. 2005 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141552732005000400001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 jan. 2010.

_____. *Josué de Castro e a Geografia da Fome no Brasil.* **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 11, nov. 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2008001100027&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 jan. 2010.